

Compre coleções, CDs,
CDs ROMs, Vídeos
e muito mais...
CLIQUE AQUI
SHOPPING 3

QUINZENA
DE SOM, IMAGEM
E ELETRODOMÉSTICOS

Dinheiro Rural

ISTOÉ

Dinheiro

Gente

Planeta
na web

Fale Conosco | Assinaturas | Loja 3 | Expediente | Publicidade

DINHEIRO RURAL
Edição nº 22

HOME CAPA

AGOSTO /2006



ASSINE JÁ!

Portugueses brilham no agronegócio

O grupo Espírito Santo, sócio da Vivo e do Bradesco, ergueu um império rural no País, investindo em pecuária, citricultura, café, soja e arroz

POR LEONARDO ATTUCH E ZECA CALDEIRA (FOTOS), DE BOTUCATU (SP)

Eles são discretos, gostam de empreender e têm tradição centenária na arte de ganhar dinheiro. Seus domínios espalham-se por toda parte. Quer exemplos? Em Portugal, eles comandam o maior grupo financeiro local. No Brasil, estão entre os principais acionistas do Bradesco. No país de origem, controlam a Portugal Telecom. Aqui, a jóia da coroa é a Vivo. Eles também são acionistas da rede hoteleira Accor e possuem vários empreendimentos imobiliários bem-sucedidos, como o Shopping Villa-Lobos e o condomínio residencial Quinta da Baronesa, ambos em São Paulo. E isso é só uma amostra do Grupo Espírito Santo (GES), criado em Lisboa no ano de 1884 e hoje um dos maiores investidores externos na economia brasileira. Um dos tentáculos desse gigante, naturalmente, é o agronegócio. E também de forma bem diversificada. Os portugueses estão na pecuária de corte, no gado de elite, na soja, no café, no arroz, no algodão e na citricultura. "Uma de nossas filosofias é jamais colocar todos os ovos na mesma cesta", disse à DINHEIRO RURAL o empresário Miguel do Espírito Santo, que preside a GES Agropecuária, empresa que já fatura cerca de US\$ 20 milhões por ano e explora nada menos que 160 mil hectares de terras no Brasil e no Paraguai.



Sucesso familiar: Miguel (à dir.) e Domingos administram as fazendas no Brasil e no Paraguai.

COMENTE A REPORTAGEM



Colheita do siciliano: Fazenda de Botucatu (SP) produz um milhão de caixas de limão e 300 mil de laranja por ano.

Curiosamente, a construção desse império também foi fruto de um terremoto político. Com a Revolução dos Cravos, em 1974, os acionistas do Grupo Espírito Santo foram alvo de intensa perseguição política. O banco foi nacionalizado e os principais sócios deixaram Portugal. Iniciaram atividades financeiras no Brasil, na Suíça, na França e nos Estados Unidos. No meio rural, os negócios até então estavam concentrados em países da África, como Angola e Moçambique, que também passaram a enfrentar guerras civis. Longe disso, o Brasil ganhou espaço crescente nas atividades do grupo. Hoje são quatro fazendas principais: duas na Bahia, voltadas ao café, uma em Tocantins, dedicada à pecuária, arroz e grãos, e ainda uma propriedade em São Paulo, cuja atividade principal é a produção de limão siciliano e de laranjas. No Paraguai, há ainda o rebanho comercial das raças Brahman e Braford e uma grande produção de soja, que é escoada por hidrovias e exportada pela Argentina.

Localizada em Botucatu, no interior paulista, a Fazenda Morrinhos é uma das pérolas do grupo. Ela tem 12 mil hectares e produz um milhão de caixas de limão siciliano e outras 300 mil de laranja. No passado, a propriedade pertencia aos

Paula Machado, ex-donos do Banco Boavista, e veio no pacote quando o Grupo Espírito Santo adquiriu a instituição financeira. Era lá que ficava um dos principais haras de cavalos puro-sangue do País. Hoje, a fazenda é totalmente profissionalizada e suas receitas somam US\$ 5,7 milhões por ano. Um dos principais clientes é a Coinbra, do grupo Dreyfus, que revende o suco de limão para grandes indústrias como a Coca-Cola – o extrato é um dos componentes da fórmula do refrigerante. Um dos aspectos mais interessantes da fazenda é o packing house que, em dois turnos, embala as frutas que são exportadas in natura para países como Espanha, Itália e Portugal. Ao todo, são 120 mil caixas por ano, que geram uma receita de US\$ 1,1 milhão. “Chegamos ao mercado antes dos nossos maiores concorrentes argentinos”, diz Miguel. Ele é tão apaixonado pela fruta que sempre carrega consigo algumas para temperar os pratos dos restaurantes que frequênta. “Os outros não são limões, são limas ácidas”, diz ele. Uma de suas iniciativas para divulgar o produto foi a publicação de um livro de receitas à base do siciliano feito em parceria com o chef Charlô.



Cafés finos: Sívlio Leite, que criou a cultura do café gourmet no Brasil, coordena a produção do grão na Bahia.



Rebanho de elite: no Tocantins e na Bahia, há animais Nelore, Brahman e Braford.

grandes pivôs. “As duas regiões têm características distintas, mas ambas permitem produzir café arábica de altíssima qualidade”, diz Leite. Em Brejões, as condições de solo, clima e altitude aproximam-se mais das do Sul de Minas Gerais. De Barreiras, sai o típico café do Cerrado. Ao todo, são produzidas 60 mil sacas por ano nas duas fazendas, gerando uma receita de US\$ 6 milhões. A maior parte é exportada como café verde, mas há também uma parceria com a torrefadora Maratá, de Sergipe, para a industrialização do grão.

É também na Lagoa do Morro que se encontra boa parte do rebanho de elite das raças Brahman, Nelore e Braford com a grife GES. Ao todo, são mais de 1,5 mil cabeças, mas a prioridade é o Brahman. “É a raça que gera maior precocidade e ganho de peso”, diz Domingos Espírito Santo, outro membro do clã, que é o braço direito do presidente Miguel. A aposta nessa raça, que é a predominante nos Estados Unidos e na Austrália, tem sua razão de ser. No Paraguai, a maior parte do rebanho comercial de 60 mil animais é da raça Brahman e os melhoramentos genéticos são transferidos a todo o plantel. Uma outra parte do rebanho está localizada na Fazenda Pantanal de Cima, no município de Formoso do Araguaia (TO), numa área que pertenceu a ninguém menos que o ex-presidente Juscelino Kubitschek. Lá, são produzidos bezerros, que seguem para a engorda em outras propriedades. É também em Tocantins que o grupo se dedica à produção de sementes de soja, algodão e arroz. E, num período de crise aguda no campo, é claro que nem tudo são flores. “Vamos reduzir a área plantada na próxima safra”, admite Domingos Espírito Santo. Uma questão de aritmética. O fardo de arroz, que chegou a valer R\$ 40, hoje tem preço ao redor de R\$ 16.

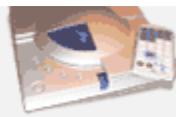


Grupo português: já tem 160 mil hectares na América do Sul e pode criar empresa de tecnologia voltada para a rastreabilidade.

Apesar dos eventuais contratemplos, os portugueses continuam à caça de boas oportunidades no agronegócio. Um dos novos investimentos seria uma empresa de tecnologia, voltada para rastreabilidade bovina, em parceria com os irmãos Paulo e Marcos Mesquita, dois grandes criadores da raça Brahman. Os portugueses também

foram sondados para investir em usinas de açúcar e álcool e até em projetos de vinhos na região do Vale do São Francisco. "Não somos contra o etanol, mas temos certa resistência aos modismos", diz Miguel do Espírito Santo. Os projetos mais coerentes com a vocação do grupo seriam o aumento da capacidade de exportação de frutas, a ampliação do projeto de pecuária em Tocantins, para engordar os bezerros até o abate, e a expansão do café fino na Bahia. "Somos cautelosos e é assim que tem dado certo", diz Miguel, um produtor que, como bom português, tem como hobby navegar. Quando ele pára em Salvador, onde reside, seu grande prazer é sair de barco pelos mares da Bahia. "

US\$ 20 milhões é o faturamento anual do grupo com os negócios rurais



Assine **GENTE** e receba um aparelho de **DVD GRÁTIS!**



go
Outsid



© Copyright 1996/2006 Editora Três